

Refletindo sobre Humanização:

Oficina de Música para Professores de Educação Básica.

Comunicação

GTE 04 - Educação Musical e Humanização

Ederson Luiz da Silva
Universidade de Brasília - UnB
ederson.luiz@edu.se.df.gov.br

Resumo: Este texto objetiva comunicar parte de uma dissertação de mestrado concluída no ano de 2023. Trata-se de uma reflexão sobre a prática de uma oficina de música para vinte professoras e três professores não músicos em formação continuada. O grupo possui pedagogas e também professores de outras áreas, pois trabalha em formação continuada para a educação básica. A investigação foi praticada como pesquisa-ação, tendo como foco a interação entre os participantes. Os estudos e escritos de Freire foram importantes como referencial para discussão sobre práticas educativas humanizadoras. A coleta de dados foi feita por meio de observação participante, entrevistas semi-estruturadas e rodas de conversa. Entre os resultados na investigação desse grupo, destaco o a reflexão sobre a liberdade ética na educação e a superação do receio do erro na prática musical a partir da autoestima e da estesia.

Palavras-chave: humanização, oficina de música, formação continuada.

Introdução

Uma das formas que podem suscitar interessantes discussões sobre educação é a formação continuada. Nesse contexto, os professores podem se colocar no papel de estudantes como também refletir sobre sua prática ao lecionar. No caso dessa investigação, explicitarei um recorte de uma dissertação finalizada onde há uma intersecção entre oficina de música e formação continuada de professores da educação básica. O que destaco é a reflexão dos professores com relação a uma prática educativa musical que busca considerar o conceito de humanização de Freire (2011). A prática musical suscitou a discussão dos professores com relação a sua própria prática, como alunos e professores, na busca da aprendizagem musical e da reflexão sobre educação.

Utilizo o conceito de humanização de Freire (2011, p.40) quando a define como vocação ativa do “ser humano histórico-cultural” para “ser mais”, transformando o mundo com sua ação-reflexão, ou seja, com sua práxis. Ao mesmo tempo, defendo que o ser humano, por sua essência, possui a inerência da liberdade. Na busca por uma liberdade ética “a oportunidade de fazer escolhas é a arte de educar sua liberdade. Despertar o que dormita em cada ser humano como possibilidade” (Arroyo, 2004, p. 166). No caso desses professores, o “ser mais” também estaria ligado ao desafio, para alguns, de aprender mais sobre música e refletir sobre o aprendizado colaborativo e a busca do conhecimento. Nesse sentido, o formato da oficina e seu prosseguimento foram moldados de acordo com as avaliações do grupo.

Participantes e prática da oficina

O grupo participante chama-se “Centro de Vivências Lúdicas” e atua como formadores em formação continuada na educação pública com ênfase em ludicidade. Participaram vinte professoras e três professores (sete professores de pedagogia além de dezesseis professores de outras disciplinas). O grupo possuía experiência de reflexões conjuntas sobre educação, nesse sentido, foi escolhida a metodologia da pesquisa-ação para aprofundar as discussões nas práticas musicais experienciadas. Antes do início, lhes foi perguntado sobre o que gostariam de aprender. A resposta esteve relacionada a alguma prática com instrumentos musicais.

A prática consistiu em oficinas de música onde havia instrumentos musicais dispostos para experimentação: um teclado, dois ukuleles, três violões, um metalofone, três flautas doces, um bumbo, triângulos, caxixis, ganzás e um pequeno tambor. Na primeira parte, o professor deu liberdade para os participantes explorar os instrumentos livremente, no sentido de manuseá-los, interagirem e também para tirar dúvidas com o professor. Como alguns já sabiam manusear alguns instrumentos, uns ajudavam os outros. Além disso, o professor observava a atitude dos participantes incentivando e também corrigindo algumas posturas no momento de execução do instrumento musical.

Quando surgia alguma música ou canção no grupo, o professor sugeria execuções simples para que todos tocassem juntos, provocando a participação, a improvisação e regendo discretamente um arranjo momentâneo.

Aconteceram também momentos de dinâmicas musicais como brincadeiras de percussão corporal e exploração vocal como momentos de criação dos participantes juntamente com o direcionamento musical do professor atuando pontualmente como modelo musical. Ao final das atividades da oficina de música sempre havia a roda de conversa quando as questões musicais e pedagógicas eram discutidas pelos participantes.

Um dos pontos observados foi o comportamento dos participantes na prática educativa. Como a parte inicial era exploratória, alguns já manusearam prontamente os instrumentos musicais, outros ficaram com receios ou sem saber o que fazer. No primeiro grupo, faziam parte professoras que já tocavam ou tiveram algum contato mais duradouro com instrumentos musicais. Talvez por isso não tiveram maiores problemas com essa atividade. No segundo grupo, foi relatado que alguns estavam com receio de danificar algum instrumento ou de tocar errado, necessitando alguma instrução inicial. A partir desse fato, podemos fazer indagações sobre como esses professores vivenciaram a prática musical e os porquês.

A partir de uma pesquisa-ação qualitativa com a participação efetiva na reflexão da problemática sobre educação, os métodos de coleta consistiram em observação participante, roda de conversas a cada encontro e entrevistas semi-estruturadas.

Reflexão: professores como estudantes na oficina de música

Nessa oficina, professores relataram a experiência de se colocar no papel de estudantes. O fato de ser uma matéria específica, relativamente fora de seu domínio intelectual e prático pode ter contribuído para isso. Apesar de possuírem uma prática de dinâmicas com música, havia apenas três professores com ensino formal em música dentre os vinte e três participantes. Adentrando em uma seara não tão conhecida, isso os fez refletir sobre suas dúvidas, seguranças e inseguranças em seus próprios processos de aprendizado.

Para iniciar essa discussão, um ponto fundamental foi o contato com os instrumentos na perspectiva desses professores¹. Eles compararam a didática da oficina de música com a didática de outras disciplinas. Essa foi a discussão durante todo o processo.

Quando vamos para um lugar que não dominamos, ficamos como alunos! Tenho medo! É difícil! [...]. Será que estou fazendo isso como professora? [...] Será que meu ensino é reprodução? (Priscila P., entrevista, 01/07/22)

Por exemplo, sabe-se que há pessoas que têm certa frustração ou bloqueios com determinada matéria de conhecimento. Essa concepção de cada um sobre aprendizado pode interferir na prática educativa como professor. No momento da oficina em que foi sugerida inicialmente a exploração livre dos instrumentos musicais, foram relatados sentimentos de receios, dúvidas e inseguranças para uma parte dos participantes. Para sanar esse problema, procurei adotar uma postura acolhedora e afetiva, havendo também o diálogo como ajuda mútua coletiva. Isso ajudou superar alguns receios conforme este relato:

A ideia colaborativa [é] não competir. Em vez de subtrair, somar. [...] Aproveitar as diferenças para o todo. Sem aparecer, todos são importantes. Postura humana humaniza (Terezinha, oficina de música, encontro 3, 15/06/22).

A colaboração é uma prática que busca considerar o humano no outro. No sentido posto acima, horizontaliza a relação entre os pares. Para Freire, “a educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2011, p.116). Isso corrobora a fala acima da professora no sentido de estar junto com o outro a partir de um entendimento combinado mutuamente. Refiro-me tanto à forma quanto ao conteúdo da prática educativa. Logicamente o professor deverá possuir um conhecimento técnico e experiência para organizar o processo educativo. O diálogo não requer um “laissez faire” onde os alunos podem fazer “qualquer” coisa, mas deve se tornar um planejamento eficaz. “No espaço dialógico, o conteúdo programático da educação (...) [é] a devolução organizada, sistematizada

¹ Os nomes descritos são dos próprios professores e professoras.

e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada” (Freire, 2011, p. 116). Nesse sentido, a figura do professor é fundamental nesse processo de discernimento da avaliação técnica dos conteúdos com erudição e pluriculturalidade. Por exemplo, na segunda parte da oficina houve treinamentos mais técnicos e pesquisas individuais sobre música.

Liberdade na oficina de música.

Oficina de música, no sentido aqui posto, possui uma certa liberdade de ação. Para Freire (2011, p.76), a liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável. A liberdade total se desvirtua. É necessária uma ética para a validação educativa dessa liberdade, que é condição humana. Ao mesmo tempo, analisando a atuação anterior desses professores, vejo inicialmente uma predominância de se decidir antecipadamente os conteúdos e as formas de ensino até mesmo para uma formação continuada, o que procurei contestar com a reflexão e experimentação como terreno próprio dessa formação.

Essa liberdade em uma atividade educativa, para quem não está acostumado, pode dar impressão inicial de que a formação está solta, não planejada. No decorrer da oficina, a fluência bem coordenada pode dirimir essa dúvida. Um bom planejamento não quer dizer que não há liberdade de participação de todos com uma liberdade responsável, diálogo e interações. O planejamento também incorpora a práxis, a reflexão no momento da ação com intervenções práticas no sentido de haver uma boa fluência dinâmica nos encontros, buscando conhecimentos significativos relacionados ao que está sendo discutido.

Gosto muito da ideia do trabalho colaborativo. Não construí isso na minha prática. Vejo assim que pode ser rico, mas exige muito do professor. Ter jogo de cintura, ser aberto ao que surge. Como aluno, a identificação com a prática nos molda. Fica mais fluido, natural, envolvente, mas até que ponto estou preparado? (Harley, entrevista, 02/07/22).

Na fala do professor Harley acima observamos algum exemplo das reflexões durante os encontros. O desafio está tanto na formação quanto na prática. A prática bancária seria mais cômoda. Poderia eu, como professor, adotar uma atitude

“antidualogal, vertical, domesticatrizadora?” (Freire, 2011, p. 73). Se adoto somente a instrução, posso reproduzir uma educação bancária, onde apenas o mundo do professor é importante. Onde estariam a reflexão e o mundo dos participantes? Onde estariam a conexão com a vivência de cada um e sua consciência sobre seu aprendizado? Relacionando à música, para Bellochio e Figueiredo (2009), “a música deve estar incluída nesse contexto escolar como um componente insubstituível no processo educacional como um todo, contribuindo para uma formação mais integral e mais humana”. Isso requer a reflexão do ser humano também no diálogo e na liberdade. Nesse sentido, a oportunidade da liberdade consciente pode aflorar suas interações com o mundo para a criação de novas possibilidades, novos entendimentos. Cada professor possui algo a acrescentar, possui sua experiência, mesmo que não seja músico nesse caso. Ele acrescentará a discussão nos pontos de seu aprendizado, de sua reflexão. Nesse caso, os professores estão se colocando também no papel de estudantes.

[...] a sensibilização e conscientização dos alunos são acionadas. Os alunos são provocados constantemente a fazer perguntas sobre as suas necessidades, questionar possibilidades para sanar suas lacunas e buscar soluções para os desafios de uma forma reflexiva. Isso aumenta o nível de motivação na aprendizagem e descoberta de novos mundos (Feichas; Narita, 2016, p. 22).

Penso que para uma participação ativa em uma experiência de formação continuada são importantes tanto o diálogo como a instrução, a experimentação e a reflexão. Isso dependerá do discernimento dos tempos na prática pedagógica. No sentido de aliar uma formação reflexiva e a colaboração, foi-lhes perguntado se em aulas expositivas teriam aprendido mais, como está na tabela I:

Tabela I: Julge a afirmação (se o professor houvesse dado mais aulas expositivas eu teria aprendido mais).

Espaços	Quantidade
discordo totalmente	10
discordo um pouco	7
nem concordo nem discordo	1

concordo em parte 0

concordo totalmente 0

Nesse ponto foi elogiada uma condução bastante prática da oficina, no sentido de superar os receios existentes na aquisição do conhecimento e da gestão da liberdade de ação. A postura ética dos participantes é importante para um bom funcionamento de uma oficina colaborativa e participativa, caso contrário, o desleixo pode colocar em xeque uma postura menos rígida de liderança.

Acho legal essa ideia de trazer as coisas sem restringir. Todos podem tocar. A [outra] professora disse que sempre fez tudo rígido. (Márcia, entrevista, 03/07/22).

Como fazer a gestão da liderança, da autoridade se constitui um desafio na prática educativa. Pode-se imaginar que em cada espaço essa liderança será feita de formas diferenciadas. Há a diferenciação entre autoridade e autoritarismo análogas aos contrastes da liberdade e da licenciosidade. “A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos [seres humanos]” (Freire, 2011, p 93). Esse caminho também requer esse exercício da liberdade, da ética. A conscientização sobre processo é algo que demanda tempo tanto para o professor quanto para o estudante. Esse exercício é algo que pode causar espanto, receio, desleixo ou inação.

Na próxima tabela II procuramos captar as percepções sobre aprendizado e disciplina no sentido de rigidez.

Tabela I1: Julgue a afirmação (se o professor fosse mais rígido, buscando a disciplina, a oficina teria mais aprendizado).

Espaços	Quantidade
discordo totalmente	11
discordo um pouco	8
nem concordo nem discordo	0

concordo em parte	0
concordo totalmente	0

Por outro lado, a disciplina também pode ser vista como exercício, como concentração, porém sem o sentido da rigidez. Pode ser um costume de atenção, de foco que pode ser treinado e aliar-se à vontade do estudante. Outros fatores podem estar relacionados como objetivo e hábito. No caso dessa oficina, o objetivo foi exercitar a reflexão pedagógica por meio de uma prática musical. Alguns participantes continuaram os estudos de música após essa participação.

Um receio na prática instrumental

O receio ou medo das questões de prática musical foram trabalhados por alguns pontos durante a oficina. Como esta partiu de uma colaboração, na análise deste contexto inferimos alguns pontos importantes. Após a análise dos dados, alguns aspectos foram impactantes na opinião dos participantes e também segundo a análise feita nessa oficina.

Acaba que a gente fica com preconceitos em relação a: eu não vou conseguir, ah eu não dou conta. [...] Acho tão lindo as pessoas tocando e eu tinha muito medo de que não ia conseguir. E eu consegui tirar as notas! Agora é só aprender tocar e cantar! (Priscila P., oficina de música, roda de conversa 4, 22/06/22).

No exemplo da professora Priscila P. acima, há um exemplo de alguns receios que os professores demonstraram na prática musical. Para Machado e Bellochio (2019), um dos problemas no contexto de formação continuada musical para professores dos anos iniciais é a falta de confiança no conhecimento da matéria. Em um primeiro momento, o acolhimento, o diálogo e a liberdade musical foram importantes para o bom aproveitamento da metodologia e a superação dos receios iniciais. A partir de quando os participantes foram afetados por uma experiência, fazendo música, relataram como isto se deu para superar os receios e buscar mais conhecimento musical. Isso foi construído no decorrer da oficina, com as reflexões e decisões do grupo na condução colaborativa no sentido de uma melhor socialização. Em uma educação musical humanizadora,

“excelência musical e a formação humana são interdependentes” (Arruda; Joly, 2016, p. 985). A prática musical, juntamente com pontuais conduções musicais do professor foi suficiente para alcançar um produto musical satisfatório para o grupo e para o tempo de trabalho. Isso foi importante para a autoimagem de alguns professores no sentido de elevar a autoestima com relação à prática musical.

[...] Mas a música “prá” mim, a partitura me assustava. A música quando chega com sua imponência, força! Quando você vê uma orquestra, nossa! Isso é muito majestoso, muito grande! Isso não é para mim e essa experiência que estamos tendo aqui está sendo muito positiva. [...] Mas hoje, ouvindo o som do cavaquinho, como é impressionante que a música ganha a gente, ela arrasta a gente! Uma coisa muito gostosa! [...] (Venilda, roda de conversa, 15/06/22).

Outro fator importante foi como essa prática musical afetou participantes no sentido de se envolver na experiência estética. Alguns relataram como isso pode dar outras visões com relação à educação em outras matérias.

[...] colocar essas linguagens todas em ação para enriquecer mais a capacidade do aluno de interpretar, de fazer seu letramento, sua leitura de mundo. Partir da própria vida. E esse conhecimento da gente, do nosso corpo, nos convida a isso. Sentir isso é muito importante porque é a base que começa a partir de nós mesmos. Eu não pude deixar de refletir isso! (Terezinha, roda de conversa 01/06/22).

Enfatizo a questão de como a experiência musical atingiu alguns dos participantes por meio de seus relatos e de seu comportamento efusivo durante e ao final de nossas execuções musicais. Por exemplo, praticamos “Asa Branca” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira e “Aquarela” de Toquinho, Vinícius/ G.Moura e M. Fabrizio entre outras músicas populares escolhidas pelos participantes. Sendo assim, a maior parte dos participantes concordaram sobre experiências positivas e celebradas no momento de prática musical dessas canções com a participação de todos e da atuação musical de regência do professor formador. A estesia parcialmente atingida não se refere somente a um sentimento ou sensibilidade musical. Refere-se também à busca do desenvolvimento integral do ser humano em união com a arte.

Estesia: refere-se à experiência sensível dos sujeitos em relação ao espaço, ao tempo, ao som, à ação, às imagens, ao próprio corpo e aos

diferentes materiais. Essa dimensão articula a sensibilidade e a percepção, tomadas como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o mundo. Nela, o corpo em sua totalidade (emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto) é o protagonista da experiência (Brasil, 2018, p. 194).

Nesse sentido, coloco relevância nessa definição com relação à parte intelectual da prática musical. Ainda pode haver, no senso comum, uma ideia de que a arte musical se notabiliza apenas pela sensibilidade. Sabemos que, além de vários aspectos, a importância dessa Arte também se faz presente como um campo de saber que é necessário à compreensão do mundo. Isso foi em parte vivenciado na oficina de música.

Considerações finais

Este texto fala de uma experiência em oficina de música para professores não-músicos em formação continuada. Essa prática se mostrou bastante interessante, na visão dos participantes, para a discussão acerca da humanização em sua prática educativa. Primeiramente discuto a forma como os professores refletiram acerca da liberdade na prática educativa. Como eles se colocaram como alunos, a experiência toma uma visão do outro ponto: do estudante. Nesse sentido pode-se perceber melhor as dificuldades de aprendizado e como isso pode ser potencializado por uma liberdade ética. Para isso é preciso sempre estar atento à reflexão/ação na prática pedagógica.

Em um segundo momento discuto a vivência de um receio na prática do instrumento musical. A prática da oficina, que em seu conceito propicia o diálogo, ajudou na a superação do receio na prática musical. Foram importantes, também nessa superação, a questão da autoestima adquirida após a prática de ação musical e a estesia que nos atinge na sensibilidade e no intelecto. Esses foram alguns pontos discutidos na prática da arte e da educação musical que acredito que deve ser valorizada e cada vez mais explorada na formação continuada como reflexão pedagógica e como uma área de conhecimento.

Referências

- ARROYO, Miguel G. *Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, 405 p.
- ARRUDA, Murilo; JOLY, Ilza Z. L. *Pesquisas em Educação Musical Humanizadora: refletindo sobre conceitos e metodologias 2 Referencial Teórico. Investigação Qualitativa em Educação*, v. 1, p. 981–990, 2016.
- BELLOCHIO, Cláudia R.; FIGUEIREDO, Sérgio L. F. de. Cai, cai balão... Entre a formação e as práticas musicais em sala de aula: discutindo algumas questões com professoras não especialistas em música. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- FEICHAS, Heloísa. F. B.; NARITA, Flávia M. Contribuições de Paulo Freire para a Educação Musical: análise de dois projetos pedagógico-musicais brasileiros. *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, v. 11, n. 1, p. 1-24, enero-junio, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, 253p.
- MACHADO, Daniela D.; BELLOCHIO, Cláudia R. Histórias de Envolvimento e de Formação Musical de Professoras Unidocentes: Resultados de uma Pesquisa Narrativa. **Revista Interações**, [S. l.], v. 15, n. 51, p. 66–86, 2019.